

A outra face da luta contra BA's

— ou a história dum ferido que sobreviveu depois de 14 horas de luta contra a morte

por A. Siteo (texto) e A. Marregula (foto)

Numerosos feridos, vítimas dos bandidos armados são frequentemente assistidos nos vários hospitais do País. Uns graves, outros ligeiros, as vítimas da sanha assassina do banditismo a soldo da África do Sul depositam diariamente a sua esperança nas mãos hábeis e experientes de médicos nacionais e estrangeiros que, por diversas vezes, têm operado verdadeiros «milagres». Um exemplo flagrante desses «milagres» registou-se recentemente no Hospital Central do Maputo quando um médico-cirurgião salvou a vida de um oficial gravemente ferido por estilhaços de uma mina, após longas e aflitivas horas de luta contra as garras da morte.

O Hospital é uma instituição social, cuja tarefa é combater a doença sob variadíssimas formas preventivas e curativas. Porém, é no tempo de guerra, de grandes epidemias

corpo estropeado por estilhaços de uma mina antipessoal, de uma granada, ou de balas cobardemente disparadas por uma mão assassina, aguardam ansiosamente pelo futuro

que se sujeitou há menos de um mês.

De acordo com o seu relato, fora ferido quando um companheiro de

men, onde produziu a maior ferida, destruindo parcialmente o lado esquerdo do fígado.

Depois da recuperação do fígado, utilizando um sistema denominado método aslético», descobriu-se que outro estilhaço tinha perfurado o estômago, o diafragma e a cavidade pulmonar, donde saía muito sangue.

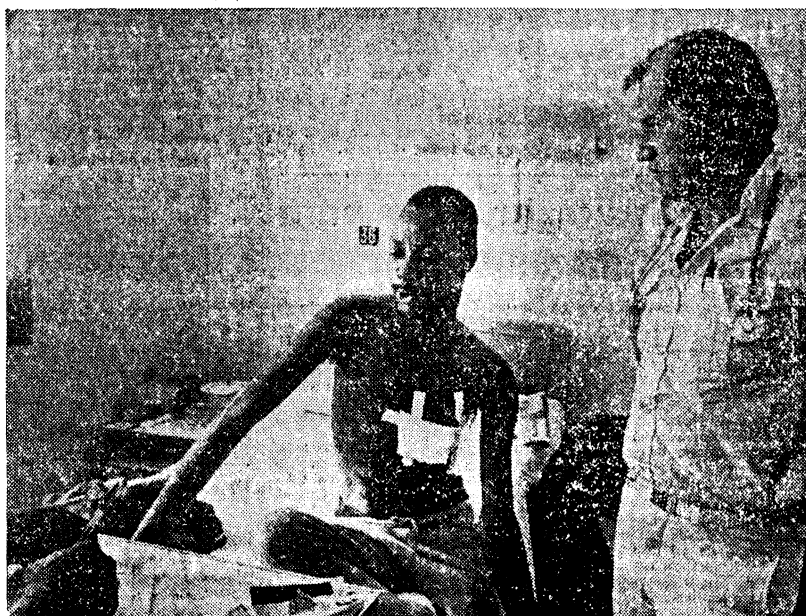
«Depois de estancar o sangue, abrimos a cavidade torácica e descobrimos que o estilhaço tinha também atravessado o lóbulo do pulmão, sangrando-o abundantemente. Apoiámos a artéria segmentar do lóbulo, o respectivo brônquio e recuperámos o pulmão» explicou o médico soviético, acrescentando que, durante a operação, o coração para por duas vezes, tendo sido necessário efectuar massagens.

«Depois, e como o tórax direito continha ainda estilhaços e sangue dentro, removemo-lo e efectuámos uma drenagem, fechámos em seguida, a ferida», finalizou o médico, que enalteceu o trabalho desenvolvido pela anestesista, a doutora Isabel, que esteve incansavelmente sempre no seu lado, durante a prolongada operação.

O doutor Viatcheslau é de nacionalidade soviética e é a segunda vez que trabalha em Moçambique, tendo a primeira, sido em 1978/79 no HCM.

Sobre as dificuldades que os Serviços de Saúde ainda enfrentam no nosso País, ele afirmou existirem já mínimas condições para a execução do trabalho médico, tais como medicamentos, aparelhos e outros.

«No entanto, e no sistema de transporte para socorro aos doentes que vocês têm que batalhar mais. Não há ambulâncias e muitas vezes o doente morre por falta de socorro imediato», acrescentou.



Paulo Muandza, junto do seu médico

e de calamidades naturais, que o seu papel transcende a importância que lhe é conferida.

Moçambique sofre actualmente os efeitos da fome, em consequência da prolongada seca e da acção dos bandidos armados, a terceira calamidade.

São as acções dos bandidos armados que transformam os nossos hospitais em locais de dor e de sofrimento, onde a vida e a morte se entrelaçam confusamente no semblante esperançoso dos feridos, onde o pessoal médico, lutando abnegada e incansavelmente contra a morte, desempenha um papel preponderante.

Um panorama doloroso emoldura hoje os nossos hospitais, particularmente o Hospital Central de Maputo. Efectivamente, da Ortopedia à Cirurgia, passando por outros sectores, como as salas de Reanimação ou de Operações, jovens, mulheres, velhos e crianças, cuja perna ou braço foram amputados ou o seu

que muitas vezes lhes reserva um par de muletas, um braço ortopédico ou uma cadeira de rodas.

E o pessoal médico, vezes sem conta em condições extremamente difíceis, opera autênticos «milagres», graças aos seus conhecimentos da entrega total à luta pela salvação do paciente.

São inúmeros os casos de feridos graves (e dados quase como perdidos) que são salvos por mãos «milagrosas» de médicos, no Hospital Central de Maputo. Dentre tantos, escolhemos o de Paulo António Muandzo, jovem oficial das Forças Armadas de Moçambique.

A Reportagem do «Notícias», acompanhada pelo médico-cirurgião Viatcheslau Tchistiorov, de nacionalidade soviética, encontrou-o descansado do placidamente numa das enfermarias da Cirurgia, a recuperar de uma melindrosa intervenção cirúrgica a

armas accionou inadvertidamente uma mina, na zona compreendida entre Bobole e Pateque, entre os distritos de Marracuene e Manhiça.

«Dos três oficiais vítimas do engenho, eu é que fiquei mais grave, pois quase toda a carga da mina veio para cima de mim», explica ele, acrescentando que, no entanto, não perdera a calma, apesar de ter perdido muito sangue.

ONDE COMEÇA O PAPEL DO MÉDICO

«Quando cheguei ao hospital, fraco e quase morto, por duas vezes fora parar à sala de Reanimação, perdera já toda a esperança de sobreviver aos ferimentos. Contudo, a acção do doutor Viatcheslau que durante 14 horas consecutivas não saiu do meu lado, permitiu a minha sobrevivência e agora estou a recuperar satisfatoriamente», sublinhou o jovem oficial.

Segundo o Dr. Viatcheslau, médico-cirurgião em serviço no HCM, o doente apresentava feridas na região do coração, no pescoço, no tórax e nos ombros.

«Pensávamos também que ele tivesse sangue coagulado na região torácica e que este fazia pressão ao coração pois este órgão batia tão debilmente que para se calcular a pulsação tinha que se recorrer às veias do pescoço», adianta o cirurgião.

Segundo ele, durante a operação, descobriu-se que afinal um dos estilhaços tinha atravessado o abdó-